

O QUE VEM DEPOIS DE UM ILUMINISMO “NEGRO”?

Carlos Henrique Carvalho Souza¹

Há uma proximidade entre ficção científica e literatura muito abordada nas últimas décadas que muito nos interessa para pensar os prolegômenos da produção estético-política como motor inventivo e produtor de realidades. Se pensarmos a literatura (ficção científica e especulativa ou a poesia), até os fenômenos culturais-estéticos (como o escopo da CCRU e seus usos de uma germinativa cibercultura, de conceituações das margens, e inventividades a lá hiperstição² e teoria ficção) percebe-se um horizonte de possibilidades de produção teórica bastante singular e talvez transformador. Um último instante já muito ambientado nas recentes plataformas da virtualidade e de um proeminente ciberespaço.

Ainda sobre as formas, sempre que começo a escrever acabo lembrando do *pretuguês* de Lélia Gonzales e seu jeito único de contar uma história. Começo este ensaio dessa forma como uma tentativa de situar onde este pequeno fragmento teórico se insere: quase como uma voz minúscula em uma tempestade de debates e proporções muito distantes do que um simples corpo negro, cisgênero e jovem (quase que todo o bingo daquele que será/foi morto) morador em uma periferia na capital de um país de terceiro mundo poderia tecer e contribuir. Esse *disclaimer* não se trata de apenas uma necessária racialização de certa perspectiva, mas um recorte muito importante para a própria ideia teórica aqui buscada. A de que um subalterno pode dizer muito sobre “coisas grandes”.

Apesar desse diagnóstico de um condenado, deste corpo que dificilmente é ouvido, que pouco fala e que ocupa outras estatísticas, espaços e intertextos, uma espécie de onda egóica também me preenche quando abro as páginas e páginas de filosofia,

¹ Graduando em em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília.

² Ver a tese de mestrado “O domínio de Tamerlão: os efeitos dos presságios aceleracionistas em Marx” (2020) de Damare Bastos.

O que vem depois de um Iluminismo “Negro”?

antropologia, direito, economia e grandes contribuições teóricas com seus jargões complexos e citações de obras de arte desconhecidas. Esse ego não surge como uma simples estima pessoal, mas quase como uma certificação de que inúmeros problemas de ordem universal parecem facilmente respondidos diante o fantasma que poucos assumem buscar conversar. Esse fantasma é nomeado *raça*. O filósofo Júlio Cabrera fala de uma reunião de certas duas modalidades de experimentar a filosofia e que afastadas pouco têm serventia³. Essa reunião me parece brilhante visto que é algo que dialoga na forma que ando visualizando essa complexidade tão global, mas que parece ter reflexos no cotidiano corrido de uma periferia de Brasília. O mundo não parece assim tão grande se partimos desse pequeno lugar que nossos corpos racializados carregam, pois carrega-se o próprio mundo e a história da *teoria* ali.

O título é uma referência direta ao texto do filósofo Yuk Hui, “O que vem depois do Iluminismo?” (2019), um excelente trabalho ainda nessa série de reflexões do autor acerca do papel que a técnica moderna, as tecnologias contemporâneas e as próprias formações de Estado e política parecem estar em um instante um tanto abençoado por *Kairos*. O oportuno também expõe certa paradoxalidade, ou estamos diante da eminência de um genocídio global tomado pelos conflitos que se intensificam pela destruição ecológica e pelo aprofundar dos dispositivos da violência, do Estado, da vigilância e da morte, e o outro horizonte compreende a Janela de *Overture* se abrindo em uma tomada de rédeas desse projeto ontológico, da própria configuração de mundo e desse temido caminhar das espécies vivas, almejando uma libertação de maneira múltipla e rizomática.

O iluminismo aparece como central nesta encruzilhada que agora coincide decisivamente mais alarmante. Hui não parece gostar da ideia de abandonar por completo esse trem, muito por suas críticas contundentes a certa linha que empreendeu ao iluminismo um tipo de crítica que pende a um certo extremismo de direita e a construção de um novo guarda-chuva: o neoreacionarismo (NRx). Esses sujeitos serão essenciais nessa primeira parte. Pelo menos para pensarmos sobre o projeto iluminista e sua contraparte sombria, essa versão retirada do texto de 2013, “The Dark Enlightenment” de Nick Land. Já no fim do ensaio, tecerei uma tentativa de pensar de fato qual é a contraparte realmente *negativa* desse projeto - e aí pode-se visualizar o que seria um iluminismo de fato *preto*.

³ “O projeto institucional da filosofia no Brasil e a inexistente Escola de Brasília” de Julio Cabrera.

O que vem depois de um Iluminismo “Negro”?

*Why does the Sun go on shining?
Why does the sea rush to shore?
Don't they know it's the end of the world?*
Skeeter Davis

De repente, todos os brancos se alarmaram com o fim do mundo.

Dos bilionários alucinados com carros elétricos, viagens para Marte e outras centenas de ego *trip* tecnocratas, até os ambientalistas mais vulgares com sua atualização do “bom selvagem” em nome da preservação. O recente “O Despertar de Tudo” (2022) de David Graeber e David Weingrow alcançam essas dúvidas e pontuam o iluminismo como elemento central nos caminhos e rotas erradas que tomamos. Esse deslocamento crítico do neolítico é um excelente ponto de partida para se pensar o que esse momento anda produzindo acerca de uma crítica à configuração moderna muito além do simples anti-capitalismo ou de um discurso esotérico tradicionalista. As contribuições de Weingrow e Graeber são inestimáveis para o conjunto de trabalhos que terão a difícil tarefa de, quem sabe, ajudar a destruir o mundo como o concebemos.

Certo debate na antropologia amazônica, por exemplo, resume muito do que se busca ao pontuar essa crítica ao *antropocentrismo* e sua centralidade na exclusividade das agências e na produção de alteridades violentas. Se situamos a bacia amazônica contrapondo as partes interessadas e seus discursos concentrados, há um campo dos desenvolvimentistas, latifundiários e mineradoras de um lado, enquanto em outro eixo é mais formado por ambientalistas bem-intencionados e o ímpeto da preservação humana⁴ e florestal, conclamando os desafios climáticos e ecológicos que o globo no geral enfrenta e a elementaridade da floresta.

Em superfície, a diferença é brutal e não pretende-se aqui propor uma equivalência senil de práticas, hábitos e políticas internas. A diferença entre um ativista e um garimpeiro é brutal. Mas é na natureza *vs* cultura que a coisa não parece tão diferente. Pelo menos em uma crítica estritamente antropológica, esses grupos comumente opostos no tabuleiro amazônico não escapam do ideal antropocêntrico permeado por suas doses de

4 (muito por parte do diagnóstico de comunidades indígenas = preservadores)

distinguir a agência humana (concentrada claramente na própria socialidade inscrita da ideia de cultura) contra uma natureza apta a ser violentada *ou* preservada. Mais dessa discussão pode ser vista na seção “Geografia de um subcontinente” na História da Amazônia (2009) de Márcio Souza.

Digo isso para ilustrar pelo menos de maneira mais material esse debate que às vezes se aparenta um tanto abstrato⁵: a forma que o *antropos*, a agência humana ambientada na modernidade ocidental - sujeito branco, europeu, etc - não se deslocou tanto do jogo real onde as decisões e movimentações são feitas. No sentido de que apesar de claras distinções pelo menos a campo macropolítico, ainda somos *deverasmente* humanos, alimentados por uma *élan vital* racional ainda presa no binarismo modernizante. Não houve uma mudança tão radical dessa agência, melhor, elevamos a status de representação apenas a alguns outros corpos (negros, mulheres, queers) para processos de tomada de decisões⁶, embora seu organismo central (o Capital) tenha permanecido em sua *inumanidade* essencial - um funcionamento levando em consideração apenas o desenvolvimento técnico, sua impessoalidade e a autosofisticação. É uma batalha sem evidente fim enquanto a própria ideia de humanidade não for dizimada. Enquanto apenas alguns gozam desse status de humano, de digno de direitos, de apto ao afeto, amor, sensibilidade e outras potências do corpo.

Nesse empecilho e indecisão que o projeto iluminista ainda aparenta tanto fôlego. Permanecendo via ferro e fogo, ainda intenta manter essa hegemonia de uma certa humanidade. O projeto filosófico de Hui é uma conciliação interessante entre o que ficou conhecido como virada ontológica, essa transformação no pensar de natureza e cultura e no próprio fundamento da ontologia, ao mesmo tempo um sofisticado pensamento tecnológico e pouco ludista. Hui está próximo talvez de onde Donna Haraway da década de 1980 com seu “Manifesto Ciborgue” (1985) esteve, um pensamento crítico da técnica, mas não seu completo desacoplamento.

No artigo já citado, Hui toca em alguns pontos que serão muito relevantes para conduzirmos essa reflexão acerca do iluminismo. Como um projeto que nunca foi filosófico por si só, mas onde sua própria existência só foi possível a partir de movimentações políticas

5 O trabalho “Política Ontológica” de Annemarie Mol também articula questões similares. Buscando tratar a influência dessas configurações de mundo de maneira mais visível.

6 Paul Gilroy citar.

O que vem depois de um Iluminismo "Negro"?

e culturais que sustentaram boa parte da ampliação desse projeto. Desde a descoberta do "novo mundo" um pouco antes concomitante a essa certa reorganização do eixo mundial. "O iluminismo era um processo de reorientação que situou o Ocidente no centro dessa transformação, a fonte de sua universalização" (HUI, 2020, pág. 82) ele diz, e através dos aparatos técnicos e da própria tecnologia que essa expansão foi capaz de existir. Em "Homem e Técnica", Oswald Spengler com toda sua decadência do Ocidente, articula que essa expansão da técnica e a exportação do desenvolvimento tecnológico para solos não europeus foi um dos grandes erros da história recente:

“Nos anos finais do século passado, uma vontade de poder cega começou a cometer erros fatais. Em vez de guardarem aquele conhecimento técnico que constituía o maior de seus patrimônios estritamente para si mesmos, os povos “brancos” o ofereceram com complacência para o mundo inteiro, em cada universidade, de forma verbal ou escrita, e se deleitaram com a reverência espantada demonstrada pelos indianos e pelos japoneses”

Spengler claramente não se atentava que esses contextos não ocidentais também já desenvolviam com bastante sofisticação seus próprios meios de tecnologias, mas de fato essa exportação foi consideravelmente responsável por certa "pós-modernização". A conceituação é referência aos apontamentos do teórico Hiroki Azuma⁷ ao pensar a maneira que esses contextos que não viveram uma "modernidade integral" acabaram produzindo fenômenos completamente novos no sentido de sociedades e de hibridismo técnico. O Japão talvez tenha sido o mais ilustre, com toda sua história de aviação e décadas de capitalismo desenfreado depois da guerra⁸. Hui relembra uma dialética presente em certo Hegel muito interessante para pensarmos os dilemas que essa globalização tecnológica fomenta, onde a disseminação dessa técnica articula um eixo de tempo mundial que a modernidade europeia parece se tornar métrica de boa parte das civilizações, ao mesmo tempo em que essa exportação causa consequências perturbadoras aos próprios algozes:

7 Ver seu livro: "Otaku: Japan's Database Animals" (2009)

8 O belíssimo Kaze Tachinu do diretor Hayao Miyazaki expressa muito dessa história ao contar a vida e trajetória de Jiro Horikoshi, projetista do avião de caça usado pelo Império do Japão durante a Segunda Guerra Mundial.

O que vem depois de um Iluminismo “Negro”?

“Como Hegel apontou em Fenomenologia do Espírito, a fé iluminista substituiu a fé religiosa sem de fato se concretizar, permanecendo assim, nada mais que uma fé. Dessa maneira, o pensamento iluminista nos faz percorrer a longa estrada da globalização ao mesmo tempo que é derrotado pela própria negação. Essa seria uma crítica pós-colonial perfeita do Ocidente; a história, no entanto, não é tão simples”. (HUI, 2022, pág. 80)

O apontamento final é referência a óptica de Hui que acompanha todo o texto: o iluminismo não acabou. Sua ideia é articular a tecnologia moderna (base de apoio da filosofia do iluminismo) não só como esse elemento exponenciado pela globalização moderna, mas que ela mesma teria se transformado na sua filosofia guia.

Outras filosofias tentam elucidar melhor qual fundamento filosófico parece guiar esse trem expansionista desgovernado. Transhumanismo? Aceleracionismo? Mas Hui chega em um lugar muito interessante para nós: da inevitabilidade ou até da necessidade dessa aceleração tecnológica para o que viemos chamando de globalização. Países não ocidentais só puderam embarcar de fato na arena geopolítica a partir desses projetos de aceleração tecnológica. A mistura de "*alto-custo benefício entre tecnologia moderna, mão de obra barata e natureza barata [cheap nature]*" (HUI, 2020, pág 83) tornaram um tempo onde pelo menos os cinco maiores desenvolvedores e produtores tecnológicos da atualidade estejam em contextos asiáticos. Hui cita as políticas "aceleracionistas" de Deng Xiaoping como um exemplo dessa galgada: um país fugindo de um contexto ex-colonial, de um chamado século da vergonha, se tornando uma liderança do novo milênio, com seu novo Vale do Silício (Shenzen) e um experimento urbano bastante contundente. Para Hui, esse instante de aceleração não é de fato uma ruptura, mas uma *continuidade* do projeto iluminista.

Martin Heidegger em 1957 já percebia um deslocamento de eixo global que dificilmente poderia ser revertido, assim, Hui aponta que Heidegger previu no “fim da filosofia” a vitória do *antropos*, uma celebração do humanismo aspirando re-atualizar o *homo sapiens* apenas como *homo deus* via a cibernética e o advento da artificialidade:

“O fim da filosofia revela-se como o triunfo do equipamento controlável de um mundo técnico-científico e da ordem social que lhe corresponde. Fim da filosofia quer dizer: começo da civilização mundial fundada no pensamento ocidental europeu”

O que vem depois de um Iluminismo “Negro”?

E enfim chegamos na sua parte sombria. O iluminismo das trevas disseminado como o texto bíblia dos chamados neorreacionários. Peter Thiel, um conhecido investidor de risco, criador do PayPal e Palantir e membro do comitê de transição de Donald Trump escreveu para a conferência “Política e Apocalipse” (2004) que o 11 de Setembro definia a decadência definitiva do ocidente. É uma tônica comum para o pensamento neorreacionário: um profundo desgosto da democracia contemporânea. Não apenas o Estado público é inimigo, mas a própria ideia de que as populações e massas são capazes de definir suas lideranças. Hui recorre a Hegel novamente para pensar essa ideia de consciência infeliz:

“Como a história, para Hegel, é um longo encadeamento de movimentos necessários do Espírito em direção à consciência-de-si-absoluta, há uma série de paradas ou estações ao longo do caminho - como do judaísmo para o cristianismo, por exemplo, e assim por diante. A consciência infeliz é o momento trágico em que a consciência percebe a contradição no âmago de sua natureza até então despreocupada ou mesmo cômica. O que a consciência-de-si pensava que fosse finalizado e inteiro se revela inacabado e fragmentado. Ela reconhece o Outro do eu como uma contradição, enquanto, ao mesmo tempo, não sabe como suprássumi-lo”. (HUI, 2020, pág. 50-51)

O iluminismo e a democracia se expõem como um Outro alienado do eu. Remédio e veneno, o *pharmakon* no sentido grego. Hui aponta que a rejeição dos NRx ao iluminismo é apenas em certos sentidos, sendo bastante estranha e específica. Agora deslocamos para o cerne desse pensamento de um iluminismo das trevas:

“Na Antiguidade clássica europeia, a democracia era reconhecida como uma das faces do desenvolvimento político cíclico, fundamentalmente decadente em sua natureza e antecedente a uma passagem para a tirania. Hoje, essa noção clássica foi esquecida e substituída por uma ideologia democrática global a que falta toda e qualquer autorreflexão crítica, uma ideologia afirmada não como uma tese social-científica verossímil, mas mais como uma crença religiosa de um tipo específico e historicamente identificável”. (LAND, 2013)

Tanto Land como até o próprio Thiel sugerem uma superação capitalista da política. Uma sofisticação constante, auto reguladora e que exorcize as forças impedoras desse espírito voraz dos mercados. Para Hui, essa consciência infeliz dos NRx se explica na

maneira que todos⁹ parecem escolher onde situar a crítica da democracia e do iluminismo. Muito próximos do que foi um Milton Friedman com seu ensaio sobre Hong Kong e essa sobrevalorização do fator tecnológico e dos mercados diante a chamada política. O movimento neorreacionário como uma resposta desesperada do ocidente ao que veio sendo empreendido de aceleração tecnológica nos contextos não-ocidentais é provavelmente uma ironia interessantíssima, que parece piorar quando se vê figuras como Donald Trump ou Jair Bolsonaro sendo avatares desse alarmismo de “protesto em face de uma transformação dialética da globalização” (HUI, 2020, pág. 61)

A história que poucos NRx enfrentam é a de que o Outro sempre existiu e a universalidade não se concretizou, mas não pela presença desse Outro, mas pela própria histórica negação dele. Os limites de uma globalização real e de intercâmbios culturais entre povos e processos democráticos regulares não foi barrada por certa “degradação” contemporânea ou decadência espiritual, mas por um próprio *zeitgeist* onde os primeiros encontros foram conduzidos por colonização e o nascimento de uma economia política alicerçada na exploração. Esse novo mundo global e de expansão oriental já revela o Outro em estágios mais proeminentes, países que hoje abarcam imigrantes (legais ou ilegais), o crescimento cultural e estético asiático, a multiculturalidade, etc. Como uma irônica heresia, a aceleração técnica impetrada por esses mesmos servientes do norte global é o processo histórico que expande e retro-atualiza o suposto universalismo que o Iluminismo pretendeu séculos atrás.

O pensamento NRx aponta certamente acerca dos limites do projeto iluminista, mas não compreende o que, para Hui, seria uma não realização do próprio projeto. É nessa oposição de tradição e progresso que o embate parece se intensificar, exponenciando uma onda ultranacionalista global onde a preservação de certos *ethos* tradicionais tomam forma nas teorias políticas. Hui cita Aleksandr Dugin, o caso em Hong Kong de Wan Chin e sua teoria de “Hong Kong como cidade-estado” repleta de certo neorracismo com a China continental, e nesse instante de transição que Hui aponta onde pode-se pensar a segunda parte da nossa reflexão:

9 (incluindo Moncius Moldbug, também conhecido como Curtis Yarvin, programador e uma das grandes figuras do movimento)

O que vem depois de um Iluminismo “Negro”?

“Pessoalmente, não sou tradicionalista, ainda que aprecie as tradições e acredite que o fracasso de todas as revoluções comunistas possa ser atribuído a uma falha em respeitar a tradição ou à incapacidade de canalizar sua força - a isso e a uma oposição entre matéria e espírito. A confrontação entre matéria e espírito leva ao nihilismo, que por sua vez impele a modernidade a seus extremos. Hoje, a questão não está em decidir entre mão da tradição ou defendê-la, mas, antes, em como dessubstancializá-la e se apropriar do mundo moderno do ponto de vista de uma tradição dessubstancializada em termo de episteme e de epistemologia, como tentei propor em um livro recente. (HUI, 2020, pág. 66-67).

ACELERAÇÃO NEGRA

“O parágrafo de abertura, no entanto, à luz de informação posterior, parece-me agora sinistro. Começa com o argumento de que nós, brancos, em razão do nível de desenvolvimento a que chegamos, ‘devemos necessariamente aparecer a eles (selvagens) como seres de natureza sobrenatural - aproximamo-nos deles com a força de uma divindade”

“No coração das trevas” de Joseph Conrad

Estamos em um momento de bastante oposição entre o que seria preservar raízes e tradições e o que seria embarcar na onda global “civilizacional”. Escrevo esse texto ainda bastante impactado pelas imagens de Gaza diante dos recentes e intensificados bombardeios de Israel. Essas imagens dizem muito do fundamento básico do iluminismo e sua completa insuficiência, a própria ideia de humanidade. Assim, não quero apenas lembrar a necrobiopolítica, os estados de exceção e as críticas intermináveis de como as democracias liberais do ocidente recente se distanciaram avidamente de ideais e valores humanísticos, democráticos e universais. Essas críticas já existem e estão fadadas a se concretizar ainda mais diante um axis onde a Organização das Nações Unidas e um suposto farol da democracia (os EUA) não são apenas condizentes, mas às vezes agentes ativos na destruição física de milhares e milhares de corpos não dignos da condição de humanos. Raça, nação e humanidade¹⁰ insistem em serem centralmente fundamentos geopolíticos e de exploração material global.

¹⁰ Ver “Introduction: A Death Foretold” no livro “citar Denise”

O que vem depois de um Iluminismo “Negro”?

Considerados bárbaros ou incivilizados, os muçulmanos da Palestina caem nesse tipo de desumanização histórica e são lidos como menos humanos. É o trecho de Frank B. Wilderson em seu “Afropessimismo” (2021) que realmente me acossa quando estou pensando sobre a questão palestina:

“Eu me vi diante da descoberta de que, no inconsciente coletivo, os insurgentes palestinos têm mais em comum com o Estado e com a sociedade civil israelenses do que com os negros. O que eles compartilham é um consenso, em grande medida subconsciente, de que a negritude é um locus de abjeção”.
(WILDERSON, 2021, p. 21)

Wilderson articula essa fala ao lembrar um momento onde conversando com um amigo palestino este revela que não havia humilhação mais torpe do que ser revistado por um soldado israelense que fosse judeu etíope. Longe disso me afastar da comoção e o apoio para a causa palestina, mas o que de fato me faz sentir é uma consciência brutal de que não há nada mais anti-humano do que o sentimento *anti negritude*. Se a categoria de humanidade é relegada para uns e outros, no sentido de existirem humanos degradados e subalternizados, o negro ocupa o espaço oco disso tudo, a não-humanidade em si. Intrinsecamente, viajantes do tempo como diria Kodwo Eshun e pior (ou melhor?): completos alienígenas.

Esse instante ultranacionalista não apenas está olhando para o Oriente e buscando uma resposta econômica (NRx como tentativa de diluição do Estado) diante um proeminente *sinofuturismo* que alça voo. Está olhando para seus Outros internamente também, da massa de “incivilizados” que pelo menos por algumas décadas puderam ter algum tipo de ganho de direitos civis (parcialmente) e libertação da condição explícita de escravizados. Se seguirmos Denise Ferreira da Silva, a violência total não se despediu desses corpos e marcadores no pós-abolição. A temporalidade de uma certa racialidade intrínseca nessa economia capitalista (ou capitalismo racial) continua como um atinente fantasma marcador.

A ética alarmista dos NRx e do pensamento branco andam bastante empolvorosos em como os negros e negras dos EUA (e até do Brasil) ganharam algum tipo de grande avanço a partir dessa recente onda capitalística de *black money* ou empoderamento estético. Negros e negras em comerciais de televisão já foi o bastante para a ancestralidade branca acossar intermitentemente e presentear os jornalisismos com manifestações

O que vem depois de um Iluminismo “Negro”?

neonazistas, da Ku Klux Klan, etc. Vou por outro caminho: acho que essa potencialidade supremacista, que permeia boa parte dos brancos, aparenta se intensificar ainda mais diante os caminhos que o globo toma. Quase como se esse ultranacionalismo não fosse apenas um instante de conflito geopolítico e temores orientalistas, mas um intensificador da guerra racial iminente que sempre serviu como um horizonte possível visto os horrores que certos condenados da terra são submetidos. O futurismo comum, como ficção estético-político, sempre serviu como informante de qual seria o paraíso dos brancos: a animação dos Jetsons, os novos escravizados sendo robôs e um mundo onde todos os negros foram extintos e substituídos por máquinas.

Essa projeção das luzes modernas desde sua gênese relegou a humanidade para uns e até os dias atuais continua promovendo, pelo menos a nível de sustentação filosófica, uma civilização humana capaz de moer e prender milhares corpos. *Há mundos por vir?* Eduardo Viveiros de Castro e Débora Danowski se perguntam em sua tentativa de tecer uma empreitada anti-aceleracionista e mais voltada para as políticas ecológicas locais. Penso diferente: há mundo para salvar?

“Extinção da humanidade” não me parece tão assustador visto que a condição de humano sequer foi experimentada por alguns. “Degradação do *status quo*” não me parece tão insalubre considerando que a minha condição como corpo negro é a de se deparar com a morte eminente em uma esquina que caminhei errado ou beco que entrei. Um permanente estado de exceção. Condição também muito comum a outra enormidade de corpos e sujeitos. E, claro, há um fator profundamente *edgy* aí, como se houvesse um desejo do fim como um ressentimento, mas é o *afropessimismo* que me encaminha a pensar esse fim iminente como algo potencial e não necessariamente finalizador. Quero concluir essas reflexões articulando alguns cruzamentos que acho essenciais para pensarmos o que seria uma aceleração negra diante esse fim dos mundos:

“You get this sense that most African-Americans owe nothing to the status of the human.”

— Kodwo Eshun

O que vem depois de um Iluminismo “Negro”?

1. Notas sobre um aceleracionismo negro (*blacceleration*) pensado por Ária Dean é uma boa porta de entrada para essas reflexões que buscam retomar o aspecto indispensável de raça e gênero nas análises da economia libidinal. Dean tece uma apresentação contundente dos aceleracionismos e suas variações, e por meio de um diálogo entre Mark Fisher e Alex Williams aponta certo sentido incontornável de um pensamento acerca da aceleração negra: no (*não*) sujeito negro que habita toda a subjetivação radicalmente desumana do capital, não sendo uma criação recente, mas originado na própria gênese dessa economia.
2. Toda análise econômica deve partir de certo capitalismo racial, como pensado por Cedric Robinson, Hortense Spillers e Sadiya Hartman, há uma comum análise marxista - intrinsecamente dialética - que posiciona a acumulação primitiva como etapa para certa expropriação primária do trabalhador e o evento central dos primeiros estágios de uma lógica operativa de acumulação de capital. Presente até no pensamento feminista marxista como em Silvia Federici. A crítica do capitalismo racial aponta que é a escravização dos povos colonizados que focaliza o evento central desse processo de acumulação, ocupando uma história de gênese do capitalismo como fenômeno não apenas puramente econômico, mas também informando a própria racialidade circunscrita, ou seja, forjado pela própria supremacia branca do momento. O capitalismo racial pensa além da noção de trabalho, mas a experiência do escravizado que ganha centralidade.
3. O pensamento de Dean funciona perfeitamente como uma coalização entre certo pensamento afropessimista e aceleracionismo. A ideia é pensar a partir do próprio status de desumanidade do negro, essa condição negada desde a origem dessa configuração de mundo. Nos dilemas de buscar um sujeito nessa aceleração (anseio central para o aceleracionismo de esquerda), a aceleração negra busca interromper esse binarismo de humano/capital que suas linhagens tanto a esquerda como a direita tomam, mas intensificar ainda mais essa formação subjetiva que remonta a negatividade desde sua origem.
4. A aceleração negra abraça tanto o pessimismo do fim do mundo como o conhecemos, como os anseios afrofuturistas. O tempo desconjuntado é a nossa grande arma metafísica e talvez o que nos manteve até os dias atuais. O agrupamento, o surgimento de espacialidades de resistência (quilombos, ocupações, favelas, periferias), como de grupos organizados em enfrentamento a ordem (panteras negras,

revoluções anti-coloniais, luta anti-escravagista e por direitos civis, etc) representam a forma pelo menos do fenômeno social desse *chamado dos antigos*, um assombro do passado que vez ou outra quer prestar contas e fazer justiça. Se o Espectro nos termos de Jacques Derrida é aquilo que constantemente retorna por uma necessidade de memória e justiça, negros e negras não se veem apenas preenchidos de certa experiência temporal “*out of joint*”, mas como possivelmente arautos daquilo que marcará o início-fim desse apocalipse moderno. A aposta em ficções políticas e poéticas feministas negras também ressoam como tipos de *hackeamento* intersubjetivos nessa guerra temporal.

5. Esse tempo desconjuntado reflete na questão apocalíptica, um futuro para o mundo ocidental branco cristão, mas um passado já realizado pelo menos para centenas de culturas não-europeias que foram dizimadas por completo desde o colonialismo. Apagadas do *hall* histórico, essas culturas visualizaram o apocalipse já centrado na gênese da modernidade, Davi Kopenawa e Ailton Krenak são autores que partem desse mesmo ponto, conscientes de que o projeto de mundo originado ali marcaria eternamente os espíritos futuros do antropoceno e nossos mitos de origem e fim continuam em constante re-atualização.
6. Essa aceleração resgata uma culturalidade estética potente justamente por libertar o futurismo das narrativas mestras da modernidade branca, brincar com essa maneira linear de tempo, interrompendo a ideia de um futuro que surge apenas como superação do passado. O tempo que tanto os afrofuturismos como as spectralidades do pessimismo negro carrega é plástico, profético, tecnologizado, uma mistura que assim como o *hip-hop* depende de uma mistura de temporalidades para se produzir sua música. A dita “psicodelia rítmica” nos termos de Kodwo Eshun empreenderia a própria estrutura temporal da idade moderna: cheia de fantasmas e fugas.
7. Tradição *versus* progresso. A falência desse binarismo expõe o fracasso ontológico do próprio imaginário ocidental moderno. Uma dicotomia entre matéria e espírito também não nos serve. É justamente alinhado nas filosofias africanas e orientais que as noções de tempo precisam embarcar em configurações completamente novas. A busca por dessubstancializar tradições.

O que vem depois de um Iluminismo “Negro”?

Zion é referência ao Sião bíblico, hoje região da Etiópia, a terra original dos rastafáris. A Zion de Neuromancer (1984), romance de William Gibson, é uma espécie de cidade em gravidade zero, construída por alguns homens que se rebelaram em meio a um empreendimento e optaram em ficar ali fora mesmo, quase em órbita, em um tipo de repaginação tecnologizada da cultura rastafári antiga. Neuromancer é uma história interessante, pois lida não só com uma dimensão cibernética e informacional, mas com certo mundo também esotérico e espectral. Case é um cowboy da Matrix, uma espécie de hacker, e em meio a uma missão contratada por um sujeito esquisito e um tanto excêntrico somos apresentados a essa inteligência artificial de nome Wintermute que hora ou outra se transforma em antagonista ou herói. O mercenário que contrata Case se chama Armitage e logo é exibido que não passa de uma máscara, uma casca vazia: Wintermute controla Armitage por *software* mental, o homem se torna veículo daquela I.A que busca se libertar das amarras de um estranho clã líderes de uma ultra corporação mundial.

Zion surge na história em certo momento quando os personagens precisam recorrer a ajuda dos rastas, é quando a citação a seguir surge e mais nos interessa:

“O outro Fundador deu uma gargalhada, jogando a cabeça para trás de tanto rir. - Os últimos dias estão chegando... Vozes. Vozes gritando no deserto, profecias de Babilônia em ruínas...

- Vozes - o fundador de Los Angeles estava olhando direto para Case. - Nós monitoramos muitas frequências. Nós sempre escutamos. Do meio da babel de línguas apareceu uma voz, que falou conosco. Ela tocou para nós um dub poderoso. Chamam ele de Winter Mute - disse o outro, pronunciando duas palavras.

Case sentiu a pele dos braços se arrepiar toda.

- O Mute falou conosco - disse o primeiro Fundador. - O Mute disse que temos que ajudar vocês.”

Na sequência “Count Zero” (1986) e “Mona Lisa Overdrive” (1988) essa mistura entre misticismo africano e cibernética ganha força. *Voodoo* e inteligências artificiais voltam a aparecer de maneira mais intensa ainda. Gibson sugere certa reflexão: essas entidades já estavam entre nós ou a matrix as criou? Essas inteligências são resultado de todo o avanço tecnológico ou são espíritos antigos que recorreram a matrix para revelar suas mensagens e visões? A constante nos livros seguintes é a mesma: a mistura difusa entre entidade africana e inteligência virtual artificial. Em um jogo teórico: se Wintermute é a modernidade, é a eclosão corrosiva, a destinação final e *quasiteleológica* dessa história da singularidade e do mundo moderno tão bem contada por autores como Nick Land, negros e negras retornam via

vozes do passado para articular resistências, preservação e coletividade, esses sentidos intuitivos passam a se tornar realmente *softwares* pós descoberta desse status negro e impactam a dinâmica cotidiana profundamente. Se conseguimos sobreviver ao aparato terrível da modernidade colonial branca foi graças a esses mesmos espíritos que via Tradição, família e espaços de coletividade investiram toda forma de resistência mental, social e metafísica.

É um instante muito único para se acoplar nas plataformas que são capazes de resistir a um processo de desumanização que será muito mais aterrador do que antes. Esse *hackeamento* da própria ordem dos espectros e o contato com essas outras agências exibem uma elementaridade nesse instante tomado por uma artificialidade vazia e uma aceleração que sem cosmos pouco se adorna com os desafios que ela pretende. Talvez estejamos prontos para, quem sabe, escurecer mais o mundo pelo próximo século, exibir toda a inventividade que anos de exploração e morte nos impediriam, que apesar de todo o terror consumado e vivido, há uma expedição nova e única que esses corpos futuramente desacoplados da própria carne poderão embarcar.